

## AS TRANSFORMAÇÕES DA PRODUÇÃO DA EXISTÊNCIA SOCIAL E HUMANA: o caso dos alfaiates na cidade de São Luís (MA)\*

### THE TRANSFORMATION OF PRODUCTION OF SOCIAL AND HUMAN EXISTENCE: the case of the tailors in the city of São Luís (MA)

Milton Alan Azevedo Braz \*\*

João Claudino Tavares \*\*\*

**Resumo:** Com o transcorrer da história é cada vez mais perceptível o modo como os indivíduos se expõem para satisfazer as suas necessidades. É imprescindível identificar, analisar e explicitar como o trabalho explica a maneira pela qual os indivíduos geram a produção e a reprodução da sua existência. Para entender o movimento real da história dos homens reais produzindo suas existências "é-se obrigatoriamente forçado a examinar com minúcia" quais são "os homens" de determinado tempo e espaço histórico, quais são "suas respectivas necessidades, suas forças produtivas, seu modo de produção" – enfim, quais são "as relações entre os homens" das quais resultam todas as condições da existência.

**Palavras-chave:** Trabalho e produção da existência. Transição social. Profissões. São Luis (MA).

**Abstract:** In the course of history are increasingly perceived as individuals are exposed to meet their needs. It is essential to identify, analyze and explain how the work explains the way in which individuals generate the production and reproduction of their existence. To understand the movement of the real history of real men producing their existence is to be compulsorily forced to examine in detail "what" men "of a particular historical time and space, what are" their needs, their productive forces, their mode production "- in short, what are" the relations between men "of which result all the conditions of existence.

**Keywords:** Work and production of existence. Social transition. Professions. São Luis (MA).

## 1 INTRODUÇÃO

Partimos do movimento real da História, percebemos as diversas transformações na produção da vida dos seres humanos. Em se tratando das profissões, põe-se em evidência a contribuição dos personagens, na interrelação social gerada pela sua própria existência. Igualmente importante é ter presente que os homens fazem a sua história a partir da produção material de sua existência, tendo como pressuposto as condições encontradas ou herdadas de gerações pretéritas e cujo fazer histórico é o de intervir no presente e o transformar em pressuposto para as gerações futuras. Nas palavras de Marx e Engels (2007, p. 49):

Assim como os indivíduos expressam sua vida, assim eles também são. O que eles são, coincide com sua produção, tanto com o que eles

produzem, quanto com o como eles produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.

Em outra passagem de "A ideologia alemã", Marx e Engels (2007, p. 41) afirmam que:

Os pressupostos com os quais começamos não são dogmas arbitrários, não são nem dogmas, são pressupostos reais, dos quais se pode abstrair apenas a imaginação. Eles são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto as encontradas quanto a produzidas através de sua própria ação. Esses pressupostos são constatáveis, portanto, através de um caminho puramente empírico.

Nessa perspectiva, o que evidenciamos, o que nos mostra a empiria, no momento atual, são manifestações do processo degenerativo

\* Trabalho premiado durante o XXI Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 17 e 19 de dezembro de 2009. Artigo elaborado a partir dos estudos desenvolvidos na pesquisa: "O Processo civilizatório e as metamorfoses das profissões no século XX: o caso de São Luís (MA)" que faz parte do Grupo de Estudos sobre Processos de Produção e Relações de Trabalho nas Economias Dependentes.

\*\* Discente do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Membro do Grupo de Estudos sobre Processos de Produção e Relações de Trabalho nas Economias Dependentes. E-mail: milton\_201\_braz@hotmail.com.

\*\*\* Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Doutor em Geografia. Orientador do Grupo de Estudo sobre Processos de Produção e Relações de Trabalho nas Economias Dependentes – Linha de pesquisa: Trabalho e transitoriedade.

das relações sociais burguesas, isto é, da produção na sociedade burguesa (produção de mais-valia), da produção da sociedade burguesa (produção de homens burgueses) e, em suas entranhas, do germinar de novas relações sociais. Trata-se, portanto, de apreender os aspectos constitutivos deste movimento contraditório. Essa dinâmica corresponde e dá sentido ao movimento das metamorfoses das profissões.

Como observou Aued (2000, p. 63):

A análise das profissões tem como pressuposto a percepção da época social que é permeada por determinadas necessidades e, consequentemente, pela busca da satisfação delas. Os profissionais da época são personagens sociais, inserem-se no tecido social de diversas maneiras, uma delas é a profissional. Os novos profissionais surgem quando novas necessidades sociais são criadas e, portanto, quando surge uma outra época social.

O estudo das metamorfoses das profissões não se fundamenta nem nas positivities nem nas negatividades do seu surgimento ou do seu desaparecimento, mas em sua apreensão como expressões de forças sociais do movimento transitório da produção da existência social e humana.

Por muito tempo, a profissão de alfaiate<sup>1</sup> foi imprescindível para a produção do vestuário. Com o advento de novas técnicas de produção, notadamente com a materialização da ciência em forças produtivas do trabalho social, a atividade de produzir o vestir personalizado experimenta um processo de decomposição. Entretanto, a trajetória dos alfaiates permite analisar e explicar como se manifesta este processo que institui uma atividade como necessária à sociedade.

Por um bom tempo a profissão de alfaiate era uma das mais reconhecidas. Produto da divisão social do trabalho, determinadas pessoas especializaram-se na arte de vestir as pessoas. Quando o vestir-se passou a ser um elemento distintivo das pessoas, coube aos alfaiates a incumbência de satisfazer as diferentes necessidades, gostos, fantasias humanas (GUIMARÃES, 1977, p. 182).

Estudamos as metamorfoses das profissões como manifestação material da produção e reprodução da vida, a qual se refere à produção: 1) da vivência (comer, beber, vestir, etc); 2) de novas necessidades; 3) da reprodução (procriação); 4) da cooperação e 5) da consciência como aspectos constitutivos do desenvolvimento da história da humanidade<sup>2</sup>.

As formas de se vestir tornaram-se distintivas de épocas historicamente

determinadas, assim como distinguiram e distinguem as classes e os agrupamentos sociais numa mesma época; é uma necessidade e um fetiche.

Partimos de estudos teóricos sobre as transformações do mundo do trabalho e observações empíricas do movimento da profissão de alfaiate. A partir da base material desvelam-se os nexos entre o alfaiate e a sociedade, ou seja, tendo o alfaiate como um nó que se ramifica em diversos fios (relações sociais de produção), findando em nodos (novas profissões) que gerarão novos vínculos. Essas mediações formam um tecido social, no qual corresponde a totalidade social em processo de transformações. Observa-se que esses atores sociais configuram-se numa transição social que é constituída de forças que tendem a rupturas e também a continuidades, que ora o apresenta como essencial, ora o destitui dessa posição. Com os elementos essenciais, que correspondem ao processo de produção social, constatamos que seu destino está vinculado às relações sociais que os constituíram.

## 2 O VESTIR HUMANO E SOCIAL

O pressuposto para que a história se faça é a existência de seres humanos vivos. Os elementos correspondentes as premissas são os indivíduos reais<sup>3</sup>. Os modos como se podem diferenciar os homens dos animais são os mais diversos, tais como: o estado de consciência, religião ou por condições naturais já inerentes a ele ou por tudo o que se queira. Tais homens se sobrepõem aos animais no instante em que começam a produzir seus meios de existência, as ferramentas, os mecanismos condicionantes a sua reprodução, sua própria vida material<sup>4</sup>. Não é fortuito considerar aqui, um único foco, quanto ao modo de produção, apenas a reprodução como reprodução física dos indivíduos. Refere-se a mais que uma forma de manifestar sua vida, mais que certa atividade dos indivíduos, um modo de vida determinado. Os indivíduos são aquilo o que produzem e o modo como produzem e o que eles são depende das condições materiais disponíveis de sua produção.

De acordo com Romão (2007, p. 2): "roupa é um momento que reflete a arte de quem a produziu".

Disposto a esperar, pelo menos, 30 dias para a confecção do terno, o escritor e conferencista Cesar Romão afirma que o homem consegue se expressar através da roupa que veste. "Todo terno precisa ser uma extensão do corpo e da imagem. É importante ser identificado por roupas personalizadas com tradição e requinte. Aliás, este tipo de produto é como vinho,

que precisa de tempo para ser produzido e ficar ainda melhor" (ROMÃO, 2007, p. 2, grifo nosso).

Como toda a história se define no mundo real, isto é, para que todos os indivíduos estejam em condições de fazer história, é mister que tais seres vivam para "fazer história"<sup>5</sup>, concomitantemente que as necessidades consideradas elementares para a consolidação de sua vida sejam sanadas. "Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas outras coisas mais" (MARX; ENGELS, 2008, p. 53).

O próprio fazer-se humano tem como pressuposto a busca por refúgios, por exemplo, nas cavernas<sup>6</sup>, igualando-se à necessidade de encontrar e/ou produzir alimentos. Deste processo decorrem novas carências e necessidades a serem satisfeitas<sup>7</sup>.

Neste ritmo, o homem passou a sofrer com intensidade a urgência de algo que o protegesse das intempéries, do vento, a ardência do sol, da chuva, da neve e outras tantas que possamos imaginar. Então o vestir passou a ser parte do sentido vital do homem. As peles dos animais que forneciam alimento tornaram-se úteis para a sua proteção. Nesse processo, a casa e o tecido seguem caminhos paralelos, pois os corpos não continuam vivendo estando em plena nudez ou mitigar ao sereno.

Recuperando o que afirma Monteiro (2006, p. 2) tratar a pele para cobrir o corpo era trabalho da mulher, que através da mastigação, tornava a pele mais macia. Foi na Pré-História que surgiu o curtimento feito com ácido tânico, extraído da casca de carvalho e do salgueiro<sup>8</sup>.

Não há registros de quando ou como se inventou a cardação e a fiação. Desde que a história se fez conhecer, o homem já tinha posse de todos estes conhecimentos como: fiar, tecer, dominar os animais, pintar e outros.

Desse processo surgem também uma culinária e uma religião, porque é necessário demonstrar gratidão pelo "pão nosso de cada dia". Nasce ainda um sistema político capaz de resguardar a terra conquistada e assegurar esse pão.

Nos tempos primitivos, sobrevivia quem conseguisse comer; e com a pele dos animais caçados, vestiam-se os corpos, para resistir às intempéries e poder buscar lugares de terra férteis e cultiváveis em que a caça – agora não apenas para o alimento passou a pertencer ao domínio do sagrado. (MONTEIRO, 2006).

O sacrifício do cordeiro, no que consta nos escritos bíblicos, foi um grande marco da história da civilização<sup>9</sup>. Esse fato expressa a transição do ato de como os homens promoviam o vestir e a partir desse um salto na essência do ímpeto que gera uma nova consciência:

"[...] era necessário cobrir o sacerdote com a pele do animal, ofertar seu sangue sacrificado a divindade à divindade, para pedir bênçãos e colheita farta" (MONTEIRO, 2006, p. 2).

Muito antes da arte do vestir evoluir, os homens já manifestavam diferenças por meio das vestimentas. Isto é, antes que certas forças produtivas desenvolvessem o ato de cobrir o corpo com peles de animais e certos tipos de tecidos como: linho, o cânhamo, seda etc. distinguiram classes ou grupos num mesmo período.

Segundo Laver (1990), o drapeado é o marco na evolução da civilização, pois os elementos de realce (volume e o brilho) foram, e ainda são, sinais de *status* e poder. Somado a esses elementos, segundo Guimarães (1977), por exemplo, na França, no Reinado de Luis XIV, Século XVII, o burguês vestia culote, o operário o gabão, a dona de casa a touca de fita, o estudante o tinteiro<sup>10</sup>.

Para Guimarães (1977, p.88),

[...] sempre que o povo exagera suas modas, entrega-se a demasiado luxo, e as mulheres fazem da elegância e dos vestidos o principal escopo de suas vidas, trata-se de uma época de decadência, e a civilização vai-se acabar.

Noutra passagem, observou que na disputa entre burguesas e duquesas, isto é, na transição entre a decadência da sociedade feudal e do nascimento da burguesia:

Dilapidaram-se os patrimônios com tais despesas. Ninguém tem dinheiro na corte. Vive-se de crédito e de empréstimos. A existência dos nobres é envenenada pelo temor aos credores. Para se desembaraçarem deles, usam os expedientes mais variados: jogam, concebem cargos, fazem negociatas secretas, empenham as jóias, casam com moças sem nobreza, mas portadoras de avultados dotes. [...] E imaginai também se não se haveria de estadear cada dia maior pompa, e quão grande seria a variedade de brocados, veludos, cetins, tafetás, ramagens, rendas, joias cores, penteados. Em suma, uma loucura! E imaginai também se a bela burguesa endinheirada não havia de querer sair tão bem vestida quanto às duquesas. As conseqüências de tudo isso foram, primeiro, o luxo inaudito, que levou à ruína mais de uma fortuna; segundo, a mudança rapidíssima da moda, sempre cambiante (GUIMARÃES, 1977, p. 188-186).

### 3 OS ALFAIATES EM SÃO LUÍS (MA)

Partindo das investigações realizadas pela pesquisadora Bernadete W. Aued (AUED, 1999; 2006), no Estado de Santa Catarina, sobre as profissões e suas metamorfoses

se percebe um processo similar ao caso de São Luís (MA). No que tange ao alfaiate, seu processo de decomposição ocorre em face ao processo de maturação da grande indústria, pois é nela que o capital encontra os elementos de sua reprodução e é dela que emanam os elementos de sua superação. E, ao passo que se intensificam estas transformações no quadro produtivo, o alfaiate sai da posição, privilegiada, de satisfazer diretamente as necessidades de certos homens para se subjugar, passando agora a exercer a função de apêndice do processo de produção do vestir<sup>11</sup>.

Em São Luís, até a primeira metade do século XX, os alfaiates tinham sua profissão valorizada, depois de tantas mudanças, devido ao novo estilo de vestir – como é o caso do business suit – muitos jovens optam pela profissão. A escolha da profissão se denotava por questões de interesse e, com isso, havia uma disposição muito grande pessoas aspirando exercer este cargo.

Portando, no ofício do artista alfaiate, opera-se uma mudança histórica em relação à plena vigência dos mestres de ofício. Naquela época de plena vigência das corporações, o mestre se garantia pela habilidade manual e experiência de trabalho, “o mistério” que relutava a ensinar e que os distinguia dos demais. Agora ele o faz pelo próprio trabalho e pelo dinheiro. (AUED; EISSLER, 2006. p. 38).

No ano de 1909 foi fundado o curso técnico em alfaiataria na Escola Técnica Federal do Maranhão. Nele o profissional recebia uma formação vasta nas áreas mais complexas do conhecimento, englobando muitos tipos de artes, como: canto orfeônico, ciências exatas e outras. Nesse período quase todas as pessoas utilizavam os serviços dos alfaiates, muitos davam conselhos sobre tipos de tecido, tons e modelos de roupas para o feitiço de cada indivíduo<sup>12</sup> Este curso perdura até meados de 1959, quando a produção do vestir social sofre variações, a moda passa a ser parte dos produtos industrializados, principalmente, os importados.

Passado meio século essa atividade experimentou o fel do processo de extinção. Cada vez menos esses profissionais são requisitados para produzir uma peça de roupa. Entretanto, há aqueles que conseguem acompanhar as inovações tecnológicas, submetendo-se às regras da grande indústria. Por um lado, com a expansão do crédito, tais profissionais melhoram sua estrutura de trabalho adquirindo máquinas modernas. Por outro, quem não adere a esse novo padrão, submete-se a uma etapa de racionalização e socialização do processo de trabalho. O que já dizia Smith (1983), a uma especialização, que consiste na ruptura do processo de trabalho, leva o indivíduo a

desempenhar uma única função dentro da indústria. Quem não optar por uma destas estará convidado a encerrar sua atividade de alfaiate, buscando meios para produzir sua existência em outras profissões.

Em 1978, com a crise da economia nacional, surge um alento dentro do processo de decomposição da profissão de alfaiate. Com o aumento dos preços dos produtos importados tornou-se mais viável encomendar roupas sob medida do que pelo sistema de pronta-entrega (prêt-a-porter). O aprofundamento da crise leva a questionar o significado desta organização regional da indústria e de suas possibilidades para a continuidade do crescimento do setor, para a formação do capital industrial e para a sustentação do nível de emprego urbano em geral<sup>13</sup>.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade de perpetuação de uma profissão identifica uma quebra do tecido social e impõem dificuldades à sociedade do trabalho, sugerindo que este movimento não se dá de modo natural<sup>14</sup>. O desaparecimento da profissão de alfaiate, assim como outras, não ocorre devido à falta de qualificação profissional, de iniciativa empreendedora, de competência, criatividade, de capacidade de trabalho em equipe, de convívio social, do domínio de uma língua estrangeira ou de conhecimento do processo produtivo. Com a universalização da grande indústria e dela o pronta-entrega estes atores sociais passam a exercer um papel coadjuvante no processo de produção do vestir.

Ainda que nesta condição desconfortável, mesmo que a primeira década do século XXI apresente elementos para se pensar em um momento de transição, os alfaiates continuaram a existir. A existência desta atividade não permite apenas às pessoas variarem o guarda-roupa; para a indústria da moda trata-se de uma oportunidade de resgatar algum detalhe ao longo da história do vestuário e então conceber um modo de produzi-la em larga escala.

Embora tenham uma demanda extremamente reduzida conseguem ainda alguns pedidos, pois não são todos que se enquadram aos moldes de roupas da produção industrial. Sempre há quem é muito alto ou quem tem o corpo mais avantajado e espaçoso. Portanto, mesmo que a demanda por roupas personalizadas esteja em queda, o alfaiate consegue se reproduzir, ainda que sem perspectiva de futuro, tanto do próprio indivíduo quanto da existência de sua profissão.

Portanto, é mister destacar que as tecnologias não são responsáveis pelo emprego e desemprego dos alfaiates. A idéia de

que tais instrumentos venham a ser o fato conclusivo do fenômeno que ora extingue ora origina uma profissão, no caso o alfaiate. Este ponto nada mais é que a forma ilusória que a maioria dos críticos da sociedade burguesa não conseguiu superar. É preciso ter em mente que, para tal evolução, tal transformação na estrutura da sociedade ou na base material, o pressuposto básico é que os indivíduos tenham necessidades – estímulos esses que expressam uma possibilidade de um salto nas condições materiais postas para uma superação das mesmas. Então, depois de satisfeitas todas essas premissas e outras mais, temos um lugar, um espaço para que se permita suportar transformações no tecido social.

## NOTAS

<sup>1</sup> A palavra alfaiate deriva do árabe “alkhayyát”, do verbo “kháta” que corresponde a coser. “Desde a antiguidade, no Egito, posteriormente na Grécia e também em Roma, durante a Idade Média e Renascença, foi das mais importantes pela influência de seus exercentes no âmbito social dos que bem vestidos se apresentavam” (VICELMO, 2008). Em Portugal, entre os séculos XV e XVI, atuar como alfaiate já era desfrutar de uma posição privilegiada. “A necessária habilidade exigida a estes oficiais sujeitava-os a um rigoroso exame, sem o qual não lhes seria passada a carteira profissional” (Texto sobre os alfaiates, 2008, p.1).

<sup>2</sup> Recuperando o que disseram Marx e Engels (1974, p. 34-36; 2007, p. 50-53) temos presente que: “Relativamente aos Alemães que se julgam desprovidos de qualquer pressuposto, devemos lembrar a existência de um primeiro pressuposto, de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, a saber que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de <fazer história>. Mas, um acto, é necessário antes de mais *beber, comer, ter um tecto onde se abrigar, vestir-se, etc.* O primeiro facto histórico é pois a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da vida material; trata-se de um facto histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos [...] O segundo ponto a considerar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a acção de a satisfazer e o instrumento utilizado para tal conduzem a *novas necessidades* – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro facto histórico [...] O terceiro aspecto que intervém diretamente no desenvolvimento histórico é o facto de os homens, que em cada dia renovam a sua própria vida, *criarem outros homens reproduzirem-se*, é a relação entre o homem e a mulher, os pais e os filhos, a família [...] À produção da vida, tanto a própria através do trabalho como a alheia através da procriação, surge-nos agora como uma relação dupla: por um lado como uma relação natural e, por outro, como uma *relação social* – social no sentido da acção conjugada de vários indivíduos,

não importa em que condições, de que maneira e com que objectivo. Segue-se que um determinado modo de produção ou estágio de desenvolvimento industrial se encontram permanentemente ligados a um modo de cooperação ou a um estado social determinado, e que esse *modo de cooperação* é ele mesmo uma <força produtiva>; segue-se igualmente que o conjunto das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social e que se deve conseqüentemente estudar e elaborar a <história dos homens> em estreita correlação com a história da indústria e das trocas [...] E só agora, depois de já examinados quatro elementos, quatro aspectos das relações históricas ordinárias, nos apercebemos de que o homem também possui <consciência>. Mas não se trata de *uma consciência* que seja de antemão consciência <pura> [...] A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. A consciência é, antes de tudo, a consciência do meio sensível imediato e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situada fora do indivíduo [...]” (grifos nossos).

<sup>3</sup> MARX e ENGELS, (2008. p. 44).

<sup>4</sup> Idem 1.

<sup>5</sup> MARX e ENGELS, (2008 p. 53).

<sup>6</sup> Não há registro exato sobre quando o homem passa a existir, por isso partimos da concepção de Pré-história correspondente ao período da história anterior a invenção da escrita (pois mediante a criação desta que consideramos o início dos tempos históricos devidamente registrados) que ocorreu aproximadamente em 4.000 a.C. (GUIMARÃES, 1977; RODRIGUES, 2003; CANTELE, 1989).

<sup>7</sup> Partimos do pressuposto que o ato de construir meios para satisfazer tanto as mais primitivas quanto as novas necessidades já era investigado pelo homem. Contudo é no período conhecido como Proto-História, correspondente a transição entre a Idade da pedra e dos metais, onde ele passa gerar um aglomerado de técnicas para a fabricação de utensílios necessários a atividade predatória que a *posteriori* dá lugar a subsistência agrícola. (RODRIGUES, 2003; CANTELE, 1989, p. 15 a 22).

<sup>8</sup> É importante apontar para o fato de que ela documentou um modo de vestir de povos ainda nômades e habitantes de regiões de florestas densas, onde existem animais, e árvores de grande porte, como o carvalho. Há ainda toda essa tradição, e é assim que se vestem os esquimós. (MONTEIRO, 2006, p. 2).

<sup>9</sup> MONTEIRO, 2006. p. 2.

<sup>10</sup> GUIMARÃES, 1977. p. 182.

<sup>11</sup> AUED *apud* MARX, 1999. p. 32.

<sup>12</sup> Vale lembrar que nesta fase a tecnologia se manifesta em mais uma de suas revoluções – a assim chamada II Revolução Industrial – e assim, um dos resultados desta, a *eletricidade* passa a fazer parte do cotidiano das pessoas. FROTA, 1990. In anexos.

<sup>13</sup> FROTA, 1990. In anexos.

<sup>14</sup> O mercado de trabalho é exclusivo do setor privado e bastante competitivo. Não há dados disponíveis sobre o número de alfaiates no País, mas os sindicatos afirmam que há muito mais profissionais do setor do que postos de trabalho. A automação e a concorrência dos produtos importados de “boa” qualidade e baixo preço afetam a indústria de confecções, com reflexos no mercado de trabalho (VICELMO, 2008, p. 2).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelo apoio do PIBIC em financiar a pesquisa e pelo espaço para a divulgação deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

AUED, Bernardete Wrublewski. *História de profissões em Santa Catarina: ondas largas "civilizatórias"*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

\_\_\_\_\_. Sobre a extinção das profissões: implicações teóricas. In: AUED, Bernardete Wrublewski (Org.). *Educação para o (des) emprego* (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento), 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUED, Bernardete Wrublewski; EISSLER, Roberto João. *Alfaiates imprescindíveis: imigração, trabalho e memória*. Jaraguá do Sul, SC: Design Editora, 2006.

CANTELE, Bruna Renata. *História dinâmica antiga e medieval*. São Paulo: IBEP, 1989. p.15-22. v. 3.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985b. (Col. Bases 47 – História).

IORE, Renata. *Artesãos de linha e agulha*, 2007. Disponível em: <<http://www.cesarromao.com.br/redator/item22366.html>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

FROTA, Iduina Felix de Menezes. *Alfaiates e Costureiras de São Luís*. 135f. 1990. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1990

GUIMARÃES, Ruth. *Vestuário*, São Paulo: Egéria, 1977. v. 3 (Col. Conquistas Humanas).

LAVIER, James. *A Roupas e a Moda, uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARX, Karl. *O capital: (crítica da economia política) o processo global de produção*

capitalista. L-I – v.1 e v.2; L-II e L-III, 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *A ideologia alemã: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2008.

MONTEIRO, Queila Ferraz. *A evolução do tecido na antiguidade – parte 2*, 14 Ago. 2006. Disponível em: <<http://www.fashoinbubbles.com/2006/a-evolucao-do-tecido-na-antiguidade-parte-2.html>>. Acesso em: 10 set. 2009.

PROFISSÕES EM EXTINÇÃO. *Jornal Opinião*, São Francisco Beltrão, 29 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.jornalopiniao.com/noticias.php?id=882>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

RODRIGUES, Lula. *Terno executivo: mais de 300 anos de História*, 2008. Disponível em: <[http://oglobo.globo.com/blogs/lula/post.asp?cod\\_post=117250](http://oglobo.globo.com/blogs/lula/post.asp?cod_post=117250)>. Acesso em: 14 set. 2009.

RODRIGUES, Rosicler Martins. *O Homem na Pré-História*. 2. ed. São Paulo: Moderna. 2003

ROMÃO, Cesar. Entrevista concedida a Renata Fiore. 2007.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1. (Col. Os Economistas).

TAVARES, João Claudino. *Universalidade e singularidades do espaço transitório: um estudo a partir de quebradeiras de coco babaçu/MIQCB e trabalhadores rurais sem terra/MST no Maranhão (1990 – 2000)*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VICELMO, Antônio. *Alfaiates resistem à indústria de confecções*. *Jornal Diário do Nordeste*, 3 mar. 2008. p. 2-3. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=516751>>. Acesso em: 13 nov. 2008.